



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa – Paraíba

RESUMO: A temática sobre o universo feminino cada vez mais se torna alvo de debates, construções e desconstruções no cenário social. O trabalho em questão, diverge para as perspectivas atuais do papel social da mulher, tendo em vista uma construção fundamentada em composições históricas que ao decorrer do tempo vão se adaptando à novas ideologias e acompanhando o processo de produção capitalista. Agregando as expectativas impostas para as mulheres desde momentos primórdios, é visto que sua aceitação social é imposta por determinados padrões pré-estabelecidos, o que intriga um papel generalista de submissão em diversos aspectos, pondo-se assim a um novo momento de discussão sobre a temática. Aplicado no cenário do espaço público, o texto discute o isolamento das mulheres no corpo social, tal concepção evidencia a sublimação cultural patriarcal sobre os corpos femininos, o qual deveria ofertar a subjetividade individual de cada uma, em como identificar seu papel social. Com base nisso, inicia-se uma discussão sobre medidas em que essa cultura opressora é inserida em várias áreas da sociedade, desde

a religião ao comércio, contribuindo para a repressão e assim mantendo um controle social generalista, produzindo consequências da mulher em âmbitos coletivos e no seu individual psicológico, causando receios, traumas e a negação de sua própria individualidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Feminina, Mulher, Ideologia.

ABSTRACT: The theme about the female universe increasingly becomes the subject of debates, constructions and deconstructions in the social scene. The work in question diverges to the current perspectives of the social role of women, in view of a construction based on historical compositions that, over time, are adapting to new ideologies and following the process of capitalist production. Adding the expectations imposed on women from the earliest stages, it is seen that their social acceptance is imposed by certain pre-established patterns, which intrigue a generalist role of submission in several aspects, thus putting a new moment of discussion on the thematic Applied in the scenario of the public space, the text discusses the isolation of women in the social body, such conception evidences the patriarchal cultural sublimation on the female bodies, which should offer the individual subjectivity of each one, in how to identify its social role. Based on this, a

discussion begins on measures in which this oppressive culture is inserted in several areas of the society, from the religion to the commerce, contributing to the repression and thus maintaining a generalist social control, producing consequences of the woman in collective scopes and in their individual psychological, causing fears, traumas and the denial of their own female individuality.

KEYWORDS: Feminine, Woman, Ideology.

1 | INTRODUÇÃO

O seguinte artigo tem como tema uma crítica sobre a formação da ideologia de submissão feminina: em específico os espaços públicos, em que primeiramente aborda o quesito da formação de ideia da objetificação da mulher, levando como consequências atuações de posse arbitrárias, em seguida a introdução da ideologia do que ideologia em a partir de quais ideias ela é produzida e de como ela se denota, pois a atuação da submissão é vigente em diversos lugares e de diversas maneiras. Sendo assim o trabalho objetivou visar e enfatizar a formação do patriarcado, contribuindo assim a agregar conceitos que levam a perceber que a submissão existe em determinadas situações, atribuindo assim a mulher para a sua imposta posição social. Como abordagem, o artigo pressupõe a compreensão de um grupo social, em específico as mulheres, se torna pontual porque a submissão no cenário social vem a direcionar sua linha de pesquisa para um grupo em especializo. Como resultado do artigo, enaltecer a voz que a mulher tem, para lidar com a impertinência dessa temática, em que abrange além de uma simples atuação de machismo, mas sim, a forma em que essa pertinência afeta vitima, a qual não se deve ocultar ou conformar

DESENVOLVIMENTO

Abordando a expectativa da submissão em diversas vertentes, vê-se que a pertinência desse assunto é real. Podendo definir iniciar a discussão abordando o lado da submissão, sendo algo a tornar-se na condição de obediência e subordinação, vendo assim que é uma imposição. Logo incorporando à temática principal, se vincula a submissão imposta pela sociedade de um modo geral, para a mulher, independente da idade e classe social, a mulher sempre será exigida a cumprir determinados padrões de vida, a qual se vivencia diariamente e todos os âmbitos. A submissão é um reflexo de todo um fundamento construído ao longo do tempo, sua ideologia se torna cada vez mais fomentada e empoderada por mídias, livros, crenças e na família. Vê se que para se alcançar o resultado da formação ideológica desse retrato da submissão feminina, é necessário saber de todo um processo de concretização dessa abordagem, uma ideologia vai além de uma única definição, ela apresenta diversas vertentes por diverso olhares, é necessário abranger os fundamentos para que se possa chegar

a um denominador comum.. A partir da reflexão através do texto: o que é ideologia, de Mariela Chauí, em que a ideologia é algo mais complexo do que o simples fato de conceitualizá-lo como uma forma de agregar ideias dominantes para subordinar alguma classe, sociedade ou grupo específico. Com base na referência citada, somou de maneira explícita a oportunidade de ter uma abrangência melhor sobre a terminologia, pelo fato de que ao mesmo tempo que uma ideologia tem tamanho poder sobre determinada sociedade, seus vazios são falhos, pois em uma ideologia nem tudo se é mostrado, sua fragilidade facilmente pode culminar o projeto ideológico. Vale ressaltar o fato de que, os modos de produção e reprodução das relações sociais se comportam com grande importância, visto que, no decorrer no questionamento do que é ideologia, fomentar uma ideologia é algo racional e extremamente ponderado, em que dessa forma a dominação seja um véu sublime que encarregue na subordinação do sodalício, podendo assim, abranger uma totalidade de segmentos para que essa ideologia seja concretizada de forma coletiva e universalizada. Falar da formação dessa ideologia de opressão advem de uma amplitude de olhares. A partir de Joan Scott, em que:

“o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (...) Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens”

Esse aspecto supra citado, formaliza a concepção de que no âmbito social o gênero influencia a vivência, em qualquer que seja sua cultura ou ideologia, o gênero sempre será uma “divisão” e separação no sodalício. É importante discutir sobre esse sistema social enfatizando que do mesmo modo que o ato perpetua em diversas locações, ele pode se apresentar de jeitos diferenciados como de formas abusivas fisicamente ou de modo moral. A moral podendo ser considerado uma abordagem por algumas vezes mais grosseiras, como insinuações em ambiente de trabalho e além de assédios nas ruas. De forma oral, a qual muitos até mesmo machistas abordam a mulher com palavras de baixo calão diminuindo a própria com a concepção da mulher como objeto de sua posse. A submissão e a orientação de modos que a sociedade implica afetando a vida de modo pessoal e de uma maneira até mesmo mais ampla, por afetar sua relação social em si.

O surgimento dessa definição em torno dessa ideologia, veio por uma percepção histórica, a qual tratando em suma da mulher como objeto. A objetificação se trata da utilização de algo como objeto, nesse aspecto viabiliza a utilização da mulher como objeto das diversas formas, entretanto com as mulheres ao se referir dessa demarcação se alega no quesito da utilização do corpo. Atividades práticas diárias, são fáceis de ser viabilizada, como propagandas de cerveja, a qual fazem a utilização do corpo como atrativo da sua campanha publicitaria. Não só nos aspectos atuais com as

campanhas, mas assim como a construção da ideia patriarcal ao longo dos anos, fez com que a abstração da mulher como submissa ao homem, fosse consolidada, pois “A sociedade do início do século XXI entendia o homem como provedor e a mulher como dependente dele” (Lima, 2016), dessa forma pode-se assentar uma configuração que é utilizada até os dias atuais, entretanto se contradizendo no século XXI por questionar a atuação da mulher, pois a construção dessa ideia não condiz com a realidade, por fatores como a mulher ter a mesma capacidade de um bom desenvolvimento no âmbito trabalhista tão quanto o homem, visto que sexo ou gênero não determina a capacidade de pensar de alguém.

O patriarcado vigente é uma subordinação, a mulher foi tornada alguém que deve aceitar a imposição masculina, machista e patriarcal. Ela é obrigada por meio da sociedade, em gerir obediência e apenas consentir.

Esse modo racista e capitalista impõe uma formalização de mulher como alguém dependente e desprovida de qualidades que os homens possuem. Essa esfera abrange fortalecer a ideia da mulher como vítima desse sistema opressor, a qual para ela se atribui adjetivos de reprodutora, dona de casa e moça de família, assim, limitando a potencialidade da mulher ainda no século XXI.

A conquista para desmistificar esse fato, é uma batalha constante, a exemplo das primeiras mulheres que atuaram diretamente com o trabalho sendo fora de casa, foi perante o período da II guerra mundial, a qual por necessidade acabaram tendo que engrenar no mercado de trabalho, conseqüentemente foi uma das primeiras formas de empoderamento feminino no mundo, pelo fato de proporcionar de certa forma uma independência financeira, que mesmo com a atuação obtendo retorno de remuneração inferior ao masculino, já se tornara a partir daquele instante um início promissor.

Quando se fala da sonervação de alguns tipos de insinuações e perseguições, é quando as próprias mulheres chegam ao um ponto de submissão tão fluente do dia a dia e rotineiro que gera a percepção de conformismo da sublimação do patriarcado fomentado ao longo dos anos. A intimidação gerada por carregar a necessidade de reprodução e associação de realizar as necessidades masculinas, causa de certa forma, a repressão social da mulher, fazendo com que perca seu próprio individualismo. Com base em Heleieth Saffioti, se reflete na “A diferenciação social entre os papéis femininos e masculinos, papéis esses que se convertem em desigualdades hierárquicas entre homens e mulheres.” Ou seja, a posição hierárquica pressuposta pela sociedade sofre influência direta no quesito do ‘lugar’ social pertencente a mulher. A perspectiva feminista Heleieth Saffioti, é uma das correntes teórica que mais orienta os trabalhos sobre violência contra as mulheres. Nas palavras de Saffioti, “O patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico”. O principal beneficiado do patriarcado capitalista é o homem rico, branco. A ideologia machista, na qual se

sustenta esse sistema, socializa a submissão de obediência para com as mulheres, definindo por meio do gênero, a sua intitulação de ser macho, o homem já tem suas funções direcionadas, sendo ela essa ideia fomentada, a qual diminui a mulher, pois essa ideia se agrupa com o sentido de suprir as necessidades masculinas.

Uma educação ideológica construída ao longo dos anos a qual deve haver um real desmonte. Para Saffioti, as mulheres se submetem à violência não porque consentam, elas são forçadas a ceder porque não têm poder suficiente para consentir, é uma construção histórica e marcada na sociedade, a qual essa construção ideológica só é fortificada socialmente e para quem é direcionada só oprime cada vez mais a sua individualidade e sua vida em conjunto.

Uma pergunta relevante seria qual o motivo para o parecer dessa imposição? Além do questionamento em que o homem recria a imagem da mulher como objeto a qual é de sua posse, por motivos já esclarecidos a cima, fatores de culpabilização da mulher são constatados, como o fato de que a ordem social é que sejam excelentes donas de casa e que agradem seus maridos. As respostas para essas indagações são tamanhas, pois os motivos citados anteriormente não condizem com a ação. Pelo fato da opressão e reclusão, induzindo para naturalização dessa ideologia violenta e exclusiva, transmitindo insegurança no dia a dia da mulher. É válido enfatizar que vem a ser de importante intermédio na sociedade são os meios inerentes a mídia. Os meios de comunicação digitais podem estimular ou não esse modo de ser pressuposto socialmente. O apoio em conjunto faz com que ajude a superar traumas, esses meios são de certa forma os mais acessíveis e os que têm capacidade de maior alcance no social, por isso a importância de ser bem utilizado é notável.

CONCLUSÃO

O artigo ressalta a luta diária da mulher por igualdade, além de exaltar suas conquistas o texto se predispõe a dizer que é preciso ir mais longe. A mulher ainda é tratada como um ser objetificado, que ferem todas, colocando que o homem é socialmente dominante. E se sente confortável para cometer esses delitos, passando-se ao longo do tempo a ser tratado como normal. Aplicado no cenário do espaço público, o texto discute o isolamento das mulheres no corpo social, tal concepção evidência a sublimação cultural patriarcal sobre os corpos femininos, devido à ideia de superioridade biológica masculina, acerca de suas influências nas relações sociais. Essa cultura é inserida em várias áreas da sociedade.

Abordando em sua totalidade uma sistematização a qual trouxe perspectivas oriundas da formação da mulher no cenário social, uma desmistificação foi atuada pelo fato de que a formação inicial de objetificação ter sido realizada no século passado. Logo ao desenvolver o trabalho, foi exposto que são extremamente preocupantes, essa imposição social para as mulheres.

A total ideia de posse do corpo da mulher para o homem é agudamente contestável,

causando inquietação não só das mulheres, mas também dos homens, pois a grande maioria tem o pensamento da objetificação da mulher, entretanto já existe uma quantidade considerável que retrai esse pensamento que pode ser considerado até mesmo primata, e que dessa forma atuam em conjuntura para cessar esse sistema.

A participação do privado e público deve existir na intervenção dessa impertinência, viabilizar na contribuição do combate se torna instigante para não ser uma luta solitária da parcela feminina. A relevância como contribuição acadêmica e social que o artigo incita, é o questionamento de como está a situação da mulher na sociedade, muitas vezes oprimidas, declinadas e culpabilizadas por atos que não se deve obter a real culpa, e não se tratando de pequenas atitudes e sim de ações que deixam marcas por toda uma vida, pois ser objetificada e oprimida diariamente e achar que isso é correto também se encaixa no erro. A mudança dessa forma de pensar deve ser pertinente, em razão que não só as mulheres em específico, mas ninguém deve passar por essa situação. E da mesma forma que o artigo funciona como um alarmante da atual situação, sua funcionalidade ocorre no mostrar que existem meios de tentar lidar.

Finalizo apoiando todas as mulheres a lutarem por seus direitos e que não se sintam oprimidas diante desse fato, é visto o quanto é difícil ser mulher no Brasil, entretanto não se pode calar-se, não se pode ter medo que ninguém apoiar essa mudança, não sintam vergonha pois você que é a vítima desse sistema e não se culpe.

REFERÊNCIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 1052: Informação e documentação: Citações em documentos**. Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6022: Informação e documentação: Artigo em publicação periódica**. Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6023: Informação e documentação: Referências**. Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6028: Informação e documentação: Resumo**. Rio de Janeiro. 2003.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: Guia prático do estudante**. 3.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CIRQUEIRA, Caroline Santos. In: p.9. **O CORPO FEMININO E SEUS PARADOXOS: DA BUSCA PELO CORPO IDEAL AO ASSÉDIO SEXUAL**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/rwQkSg>> . Acesso em: 25 out.2017 as 14h42min.

DAIE, Fábio Salem. “**Cultura e grau zero da ideologia**”. Le Monde Diplomatique. Jan, 2016.

FIGUEIREDO, de Candido. **Significado de Assédio**. Dicionário Aurélio. Disponível em <<https://goo.gl/>

cRNH3c >. Acesso em 26 out. 2017 as 23h53min

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Ed.). Gráfica da UFRGS. Direção geral de Sara Viola Rodrigues. Disponível em: <<https://goo.gl/KfMNcj>>. Acesso em: 25 out.2017 as 15h45min.

LIMA, Iana Alves da. **O que é objetificação da mulher** por. Politize, 11 fev.2016. Disponível em: <<https://goo.gl/cS6dEL>>. Acesso em: 23 out. 2017 as 17h07min.

MACHADO, Livia. **Casos aumentam. Mas estupro ainda é crime subnotificado**. G1SP, São Paulo, 2 set.2017. Disponível em: <<https://goo.gl/RSAQZP>>. Acesso em: 26 out.2017 as 12h26min.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa**. <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1>> Acesso em: 28 de maio 2018 as 21:32.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, 2011.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. 2005. Disponível em: <[file:///C:/Users/Heloisa/Downloads/482 1850-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Heloisa/Downloads/482%201850-1-PB.pdf)>. Acesso em: 30 de maio.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

